

UMA INTERFACE ENTRE *CHICO BENTO*,
DE MAURÍCIO DE SOUSA,
E A NOVELA *O CRAVO E A ROSA*,
DE WALCYR CARRASCO

Marly Custódio da Silva (UEMS)

mcsilva05@hotmail.com

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)

natanielgomes@uol.com.br

RESUMO

Este trabalho traz uma abordagem da vida do homem do campo e suas relações com a cidade grande, bem como o nascimento e desenvolvimento do "caipira" no Brasil rural. Temos, teoricamente, como base o conceito de Martins em relação ao caipira como "cultura" (2004), tanto o rico quanto o pobre são pessoas que mais contribuíram para a formação do povo brasileiro e de conceito como Ribeiro (1995) e Antônio Cândido (1998) em relação ao caipira. Para contextualizar a pesquisa, buscamos nas histórias em quadrinhos de Chico Bento clássico, de Maurício de Sousa e na novela de Walcyr Carrasco, *O Cravo e a Rosa* (2000) em seu núcleo rural, a relação de amor à terra e aos animais e a busca pela conquista do seu amor, sendo que nos quadrinhos de *Chico Bento*, de Maurício de Sousa, o amor nasce naturalmente na infância, enquanto que em *O Cravo e a Rosa* deverá travar uma "batalha" para conquistar a mulher amada. Será feita a comparação entre os personagens Chico Bento x Rosinha versus Petruccio x Catarina, suas aventuras, anseios e conquistas.

Palavras-chave: Brasil rural. Chico Bento. *O Cravo e a Rosa*.

1. *Introdução*

Sou caipira Pirapora, Nossa Senhora de Aparecida,
ilumina mina escura e funda o trem da minha vida...

(Renato Teixeira)

Iniciamos a introdução deste trabalho com um trecho da música de Renato Teixeira, que nos dias atuais representa bem um marco contra o estereótipo usado pelas pessoas urbanas letradas para idealizar e até mesmo estigmatizar o homem do campo.

No *Dicionário Histórico das Palavras Portuguesas de Origem Tupi*, de Antonio Geraldo da Cunha, temos a seguinte definição da palavra caipira:

caipira: origem controvertida. Admitindo-se que proceda do tupi, caipira po-

deria ser uma corruptela de caipora, com intercorrência de curupira, que justificaria a evolução – pora ~ pira. Semanticamente a hipótese é viável; faltam, todavia, os elos da cadeia evolutiva, pois, a documentação histórica é tardia ~ v. Caipora e Curupira. Indivíduo rústico, tímido; roceiro, matuto. (p. 83)

O estereótipo do caipira afirma que não são pessoas com hábitos não civilizado e sim aqueles que construíram a identidade de nosso país com a miscigenação. A designação do termo caipira é dada principalmente aos habitantes das regiões do interior do Sudeste e Centro-oeste do Brasil, porém o professor da Universidade de São Paulo e pesquisador do CNPq, Manoel Mourivaldo Santiago Almeida, coordenador de pesquisa sobre a história e a variedade do português paulista afirma que "o r retroflexo ou arrastado, aquele que se pronuncia em fim de sílaba pelos ditos caipiras, como em "imporrrrta" – veio da cidade grande e não do interior", segundo Bagno (2013, p.30) são variedades linguísticas estigmatizadas, que não são reconhecidas como válidas, que são ridicularizadas por parte dos falantes urbanos letrados, podemos deduzir que os falantes da cidade também têm no sotaque, internalizado na oralidade, o típico falar caipira.

Para representar ou até mesmo homenagear o povo do campo, Maurício de Sousa criou em 1961 o personagem Chico Bento, de família humilde e com muito amor à terra e aos animais. Chico pode ser considerado uma versão mirim do lendário personagem Jeca Tatu de Monteiro Lobato, com uma variação linguística do campo, Chico Bento conquista cada vez mais os urbanos letrados.

Também quebrando paradigmas e considerada a maior emissora de TV do Brasil, a TV Globo, nas últimas décadas tem investido em núcleo rural em suas telenovelas, podemos citar as novelas *Renascer* (1985), *O Cravo e a Rosa* (2000), *Chocolate com Pimenta* (2003) entre muitas outras tramas, porém nosso foco será a novela *O Cravo e a Rosa*, de Walcyr Carrasco. Vamos fazer uma breve comparação entre o núcleo rural da novela e as *História de Chico Bento* clássico, de Maurício de Sousa.

Faremos um breve parecer do Brasil rural, sua miscigenação e como o caipira era visto no início de sua formação.

2. *Brasil rural*

Desde que habitado pelos portugueses, o Brasil é composto por uma vasta diversidade cultural, sendo uma mistura de raças, credos e et-

nias formando-se assim, no início do século XVI o Brasil rural.

O Brasil rural não se trata de pessoas que não tinham hábitos civilizados, mas sim de um extenso processo de colonização dos bandeirantes paulistas, que por ganância pelos índios e pelo ouro invadiram os estados de Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso, o termo "rural" ainda hoje é estigmatizado pelo grande grupo social rotulando-os de caipira e segundo Martins (2004, p. 168) "caipira era tanto pobre quanto o rico, dado que caipira era uma cultura, antes de tudo, embora também fosse o descendente do mestiço de índia e branco, o que os ricos mais antigos em boa parte eram".

Os caipiras foram as pessoas que mais contribuíram para a formação do povo brasileiro, são moradores que sobram da colonização do Estado de São Paulo e acabaram por fixar em diversas regiões tornando-se criadores de gados e agricultores, porém antes de fixar residência todos mantinham o mesmo padrão de vida, conforme Ribeiro (1995, p. 369) "formavam uma sociedade que, por ser mais pobre, era também mais igualitária, na qual senhores e índios se entendiam antes como chefes e seus soldados, do que como amos e seus escravos". Todo esse respeito, aos poucos, foram acabando devido a concorrência que se iniciaria pelo ouro.

Com a descoberta do ouro houve, principalmente em Minas Gerais, o início de uma vida de fantasiada e falso glamour, que foi passageira. Havia mais aparências do que apresentava a realidade do momento. Darcy Ribeiro afirma que "Toda uma copiosa documentação histórica mostra como se podia morrer de fome ou apenas sobreviver comendo raízes silvestres e os bichos mais imundos, com as mãos cheias de ouro".

Depois do ciclo do ouro a economia caiu e a maioria do povo português, índios e negros dispersaram-se para áreas de novas minas de ouro e as regiões antes invadida, segundo Ribeiro, começa a passar por um processo de "deculturação" tendo que se equilibrar "numa variante da cultura brasileira rústica que se cristaliza como área cultural caipira" (1995, p. 383).

Para Cândido (1998, p. 42), o caipira tem características própria e limitada em seu modo de vida, social e material limitando as relações sociais dentro de bairros. Toda a vida gerava em torno dessa comunidade e na construção dos bairros que a princípio seria assentamentos construídos de forma extensa, os caipiras os chamavam de "naçãozinha".

O bairro era onde se assentava a coesão social. No bairro ele satisfazia suas necessidades, se praticava a solidariedade dos mutirões e aí eram feitas as festas. Muitas festas, festas da santa cruz, festas de São João, festas caipiras. Se mantinha uma erudição portuguesa do século XVII. Do gosto pela festa, somado com a vida simples da auto suficiência que levava e, com a incorporação do hábito indígena da caça e da pesca (...) (O Povo Brasileiro 7. – O Brasil Caipira, abril 2013)

Na metade do século XX a vida pacata de comunidade, bairros onde todos praticamente se ajudavam perde espaço para a industrialização. Cria-se uma sociedade de mercado, produtos a venda e sem dinheiro para pagar pela mercadoria trazida de fora, tudo se transforma. No campo também há mudanças, as pessoas do campo, "os caipiras" partem para a cidade para exercer trabalhos braçais com o intuito de comprarem mercadorias do "novo mercado", mas como trabalham muito e não conseguem ganhar dinheiro para as compras do tentador mercado e nem mesmo para uma moradia digna formam-se a periferia das cidades.

A sociedade inicia uma nova vivência o da desintegração. O poder foi substituído por um sistema de comunicação de massa – a mídia – que impõem padrões de consumo inatingíveis e desejos inalcançáveis, evidenciando ainda mais a sua marginalização. Eis que nasce a sociedade contemporânea. (*O Povo Brasileiro 7.* – O Brasil Caipira, abril 2013)

Com a sociedade contemporânea surge novos povos e categorias diferentes, artistas, roteiristas, cartunistas, desenhistas entre outros e para homenagear o homem do campo e um tio-avô eis que nasce das mãos do maior desenhista do Brasil, Maurício de Sousa, Chico Bento, que representa o homem do campo com seu plantio e vida pacata. Chico é uma espécie de versão mirim do Jeca Tatu de Monteiro Lobato.

No próximo tópico conheceremos um pouco sobre Maurício de Sousa, sua trajetória e frustrações.

3. Maurício de Sousa

Mauricio de Sousa é considerado o maior desenhista brasileiro voltado para o mundo infanto-juvenil, agradando também os adultos, uma vez que os leitores da *Turma da Mônica* e *Chico Bento* cresceram e com eles também novas aventuras dos personagens. Maurício nasceu em Santa Isabel em 27 de outubro de 1935. Seu pai, Antônio Mauricio de Sousa era poeta e barbeiro. A mãe, Petronilha Araújo de Sousa, poetisa. Antônio Mauricio também tem mais três filhos: Mariza (*in memoriam*),

Maura e Marcio, conforme informações disponível em www.lpm.com.br.

Ainda bebê a família de Maurício mudou-se para Mogi das Cruzes, interior de São Paulo, onde passou a maior parte de sua infância, tempos depois vieram para a capital de São Paulo, onde Mauricio começou a estudar no externato São Francisco. Com o passar dos tempos começou a dividir estudos com trabalhos diversos. Produziu algumas ilustrações para os jornais de Mogi, porém queria mais, para que pudesse desenvolver a técnica e arte seria necessário ir para os grandes centros para que as editoras e jornais de maior circulação pudesse ver e se interessar pelo seu trabalho.

Maurício foi para São Paulo com as amostras que já havia feito e publicado nos jornais de Mogi das Cruzes. Chegando ao grande centro o que conseguiu foi uma vaga de repórter policial no jornal *Folha da Manhã* e entre uma matéria e outra continuava dedicar-se aos desenhos. Por 5 anos escreveu reportagens policiais. No ano de 1959, Maurício voltou-se para a antiga paixão criando uma série de tiras em quadrinhos com um cãozinho e seu dono, nascia ali os primeiros personagens Bidu e Franjinha.

Posteriormente Mauricio criaria outras tiras de jornal Cebolinha, Piteco, Chico Bento, Penadinho e páginas tipo tabloide para publicação semanal – Horácio, Raposo, Astronauta.

A *Turma da Mônica* foi lançada com tiragem de 200 mil exemplares nos anos 70. Dois anos depois é lançada a revista *Cebolinha* e nos anos seguintes as publicações do *Chico Bento*, *Cascão*, *Magali*, *Pelezinho* e outras.

Na década de 1980, o Brasil foi invadido pelos animes (animações japonesas) e com isso acabou que as revistinhas dos personagens criados por Maurício ficou com seu mercado abalado.

Pensando em uma maneira de reconquistar o mercado, Maurício fundou o estúdio de animação "*Black & White*" projetando assim oito longas-metragens para reconquistar o mercado. A partir de então, suas obras começaram a ser adaptadas para o cinema, televisão, videogames e licenciamentos para diversos produtos utilizando marcas com os seus personagens. Confira em <http://www.tvsinopse.kinghost.net/art/m/mauricio-de-sousa.htm>.

No ano de 2006, Maurício lança a *Turma da Mônica Jovem* e de lá para cá não parou mais com o projeto de seus desenhos infantis para o

público jovem. Em 2013, torna a inovar cria então a revista de *Chico Bento Moço*, são revistas com aventuras de um jovem que vai para a cidade grande estudar para ajudar seus pais de maneira moderna na lida com o campo e animais, para Chico conseguir realizar seu grande sonho que é ser engenheiro agrônomo terá que passar por muitas provações e a primeira delas é com quem ele irá dividir o quarto na república perto da faculdade e como manterá o namoro com a Rosinha à distância seria mais um desafio para Chico Bento, como encarar a cidade grande sem ter por perto as pessoas que amam.

Poderíamos fazer uma alusão de algumas novelas da TV Globo que tenham núcleo rural com a vida de Chico Bento clássico e toda sua família, por exemplo, *O Cravo e a Rosa*, de Walcyr Carrasco. Petruccio, proprietário da fazenda Santa Clara, cuida dos animais e da agricultura, assim como Chico que cuida da terra enquanto criança e tem entre seus amigos o Porco Torresmo e a Galinha Giserda.

No próximo item vamos descrever Walcyr Carrasco escritor, dramaturgo e roteirista que se inspirou na peça *A Megera Domada*, de William Shakespeare e escreveu a novela *O Cravo e a Rosa* exibida no ano de 2000 no horário das 18 horas na Rede Globo de Televisão.

4. Walcyr Carrasco

Walcyr Rodrigues Carrasco escritor, dramaturgo e roteirista nasceu no dia 2 de dezembro de 1951, em Bernardino do Campo, São Paulo. Iniciou sua carreira como jornalista. Publicou diversas obras na literatura infanto-juvenil entre elas estão *A Menina que Queria Ser Anjo*, *Cadê o Super-herói?*, *Abaixo o Bicho Papão*, *Quem Quer Sonhar*, *Meu Encontro com Papai Noel* e *O Mistério da Gruta*. Na dramaturgia Carrasco escreveu peças de sucesso como *Batom* (1995), que revelou a atriz Ana Paula Arósio, e *Êxtase* (1997), pela qual recebeu o prêmio Shell de melhor autor.

No final da década de 1980 estreou na televisão com a escrita da novela *Cortina de Vidro*, produzida e exibida pelo SBT. Em seguida, na Rede Manchete, escreveu três minisséries: *Rosa-dos-Rumos* (1990), *O Guarani* (1991) e *Filhos do Sol* (1991). Contratado pela Globo, trabalhou como supervisor de texto no seriado *Retrato de Mulher* (1993), estrelado pela atriz Regina Duarte. Carrasco foi, ainda, junto com Mário Teixeira, o autor da novela *Xica da Silva* (1996), produzida e exibida também pela

extinta Rede Manchete, sob a direção de Walter Avancini. Na ocasião, como ainda era contratado do SBT, teve que assinar a trama com o pseudônimo Adamo Angel.

Em 1998, ainda no SBT, escreveu *Fascinação* (1998), contando a história de uma jovem humilde, Clara, que se apaixona por um rapaz de posses, Carlos Eduardo. Ambientada na década de 1930, a novela revelou novos talentos como Mariana Ximenes, Caio Blat e Regiane Alves, todos contratados em seguida pela Globo.

Em 2000 voltou a trabalhar na TV Globo em grande estilo, Carrasco estreava *O Cravo e a Rosa*, uma comédia romântica inspirada no clássico *A Megera Domada*, de William Shakespeare. O autor também buscou inspiração em *A Indomável*, novela de Ivani Ribeiro exibida em 1965 pela TV Excelsior, e em *O Machão*, de Sérgio Jockyman, exibida em 1974 pela TV Tupi. *O Cravo e a Rosa* foi um grande sucesso das 18h, com Eduardo Moscovis e Adriana Esteves nos papéis Julião Petruchio e Catarina Batista. A direção coube a Walter Avancini, com quem Walcyr Carrasco também trabalharia no seu próximo trabalho, a novela *A Padroeira* (2001). (Memória Globo, 12 de março de 2007)

O Cravo e a Rosa é uma novela que se passa em São Paulo na década de 1920 e narra o conflituoso e conturbado romance entre o machista e caipira Julião Petruchio e a feminista Catarina Batista.

No ano de 2001, Walcyr Carrasco foi um dos autores da segunda versão do seriado *O Sítio do Picapau Amarelo*, baseado na obra de Monteiro Lobato. Voltou a escrever novelas ainda em 2002, ao substituir – a partir do capítulo 149 – o autor Benedito Ruy Barbosa à frente de *Esperança* (2002).

A novela *Chocolate com Pimenta* que foi ao ar em 2003 foi baseada na peça *A Visita da Velha Senhora*, de Durrenmatt. A novela também foi um marco de audiência na faixa de horário das 18h. Ambientada na década de 1920, em Ventura, uma fictícia cidade no Sul do país, *Chocolate com Pimenta* apresentava a história de Ana Francisca (Mariana Ximenes) e Danilo (Murilo Benício).

Dois anos após, mais um sucesso é emplacado no horário das 18h, *Alma Gêmea*, reedição de um clássico escrito por Ivani Ribeiro. Protagonizada por Priscila Fantin e Eduardo Moscovis, nos papéis de Serena e Rafael, a novela conta a história do amor eterno entre um homem e uma mulher tragicamente separados.

Em 2006, Walcyr Carrasco ainda trabalharia com texto de Ivani Ribeiro, ao supervisionar o *remake* de *O Profeta*, trama clássica escrita pela autora ainda nos tempos da Rádio Nacional. A nova versão, adaptada por Duca Rachid e Thelma Guedes e escrita pelas duas e por Júlio Fischer, foi protagonizada por Thiago Fragoso e Fernanda Souza, nos papéis de Marcos e Carola.

Sete Pecados, em 2007, marcou a estreia do autor no horário das 19h, uma comédia romântica. No elenco, estavam Priscila Fantin e Reynaldo Gianecchini, como Beatriz e Dante, além de Claudia Raia, Ary Fontoura, Nicette Bruno, entre outros. Dois anos depois, voltou a escrever uma novela das 19h, outra comédia romântica: *Caras & Bocas* (2009), em que narra a história do casal Dafne (Flávia Alessandra) e Gabriel (Malvino Salvador).

Em 2012, em homenagem ao centenário de nascimento de Jorge Amado, Walcyr Carrasco escreveu o *remake* da novela *Gabriela*. Esta versão foi mais compacta que a primeira, 77 capítulos, foi ao ar às 23h e teve Juliana Paes no papel-título. No ano seguinte, o autor faz sua estreia na faixa das 21h com a novela *Amor à Vida* (2013), novela de grande repercussão nacional.

Walcyr Carrasco, em 2008 foi eleito para a Academia Paulista de Letras, substituindo o poeta Cyro Pimentel, falecido no mês de fevereiro. A Academia Paulista de Letras era integrada, nesse ano, por personalidades como José Mindlin, Ignácio de Loyola Brandão, Ruth Rocha, Gabriel Chalita, Paulo Bonfim, Lygia Fagundes Telles e Antônio Ermírio de Moraes, entre outros. (Depoimento concedido ao Memória Globo por Walcyr Carrasco em 12/03/2008.)

Com uma vasta produção e belíssimas adaptações de grandes clássicos mundialmente conhecido, Walcyr Carrasco encanta brasileiros de todas as idades com suas dramaturgias recheadas de humor e irreverência, como é o caso, por exemplo, da novela *O Cravo e a Rosa*. A dose de humor bem equilibrada entre o núcleo rural e o da cidade dá um toque hilário no enredo da trama. Com personagens inesquecíveis interpretados por atores gabaritados, *O Cravo e a Rosa* será nosso objeto de estudo neste trabalho, assim como Chico Bento e a vila Abobrinha.

O foco do trabalho será o núcleo rural da novela que abordaremos no próximo item.

4.1. O Cravo e a Rosa – Novela

O Cravo e a Rosa foi inspirada na peça “*A Megera Domada*” de William Shakespeare, na novela “*O Machão*” de Ivani Ribeiro e em *A Indomável*, novela de Ivani Ribeiro, indo ao ar no período de 26 de junho de 2000 a 10 de março de 2001, alcançando uma média geral de 30,6 pontos no ibope (cada ponto é equivalente a 60 mil). Com tamanho sucesso, a novela foi reprisada no Vale a Pena Ver de Novo da Rede Globo de televisão em 2003 no período de 13/01 a 01/08.

O enredo da novela se passa em São Paulo, em 1927, e tem como principal protagonista Catarina Batista (Adriana Esteves) e Julião Petruccio (Eduardo Moscovi). Catarina, filha mais velha do banqueiro Sr. Batista é mulher, para a época, bem a frente do seu tempo, pois não queria saber de casamento e se envolvia em manifestações pelos direitos à igualdade de sexo, tendo como irmã mais nova a romântica Bianca que se apaixonara pelo professor de música e só poderia se casar depois que a irmã Catarina se confirmasse o matrimônio.

Vivendo na cidade e cercada de mimos Catarina não era mulher de levar desaforos para casa, por isso era considerada uma fera por todos e ainda não acreditava que um homem pudesse a fazer feliz, respondia à altura toda e qualquer provocação e casar não estava nos seus planos.

Julião Petruccio, homem simples e do campo, com marcas fortes do dialeto caipira precisa salvar sua fazenda de uma dívida. Petruccio, é um machão conservador que deverá conquistar Catarina e casar-se com ela e com o dinheiro do dote salvar suas terras. O relacionamento conturbado dos dois é o que guia a trama, e os barracos protagonizados por Catarina durante as discussões entraram na memória afetiva das pessoas. *O Cravo e a Rosa* é simples como toda trama exibida no horário das 18h, mas é uma novela deliciosa.

No cenário rural, encontravam-se as melhores personagens caipiras já criadas por Carrasco. Pedro Paulo Rangel, Ana Lúcia Torre, Tau-maturgo Ferreira e a estreada Vanessa Gerbelli conseguiram fugir dos estereótipos e encher seus papéis de profundidade. Os bordões de Calixto, a paixão reprimida de Neca, a ascensão social de Januário e as armações de Lindinha movimentaram a trama. Os atores representaram com maestria o dialeto estigmatizado pela maioria da sociedade letrada ou grande grupo.

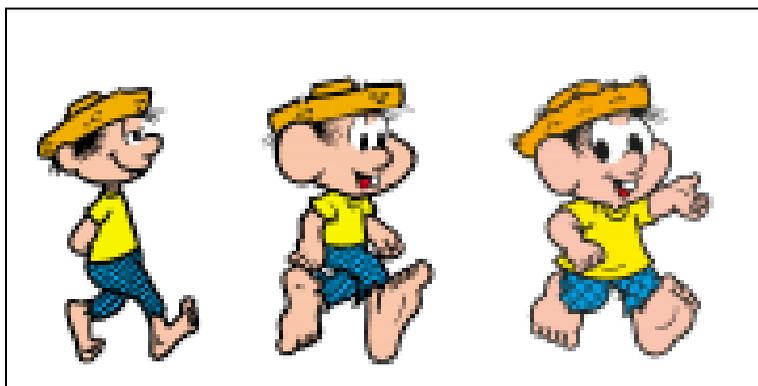
Assim como na novela *O Cravo e a Rosa*, núcleo rural, temos o personagem Chico Bento criado por Maurício de Sousa que também faz parte desse universo rural. A seguir poderemos conhecer um pouco mais desse "caipira" que a cada dia conquista mais leitores.

5. *Chico Bento*

Francisco Antônio Felício Bento, mais conhecido como "Chico Bento" foi criado pelo roteirista Maurício de Sousa em 1961 e lançado em revista própria em agosto de 1982.

Chico Bento é uma montagem de características que vi e vivi na minha infância [...] Mas definitivamente Chico Bento é mais um tio-avô meu, roceiro de Taboão (entre Mogi e Santa Isabel), que nem cheguei a conhecer pessoalmente, mas de quem conheci inúmeras histórias hilariantes, contadas pela minha avó (SOUSA, 2002).

Chico foi inspirado no tio-avô de Maurício, é um caipira do interior de São Paulo. No início, as historinhas de Chico Bento era voltada ao público adulto, pois suas histórias era publicadas em jornais, o personagem era mais alto e magro, usava calças com remendo e uma espécie de cordão na cintura e que finalizava com um laço, sem contar o uso de acessórios como o colar no pescoço. Com o passar do tempo Chico e todos os personagens de Maurício de Sousa foram ganhando formas arredondadas e infantis.



Evolução do Chico Bento. *Turma da Mônica*
<http://turmadamonica.uol.com.br/personagem/chico-bento>

Nos quadrinhos, Chico Bento vive com seus pais (Nhô Bento e

Cotinha) em uma pequena propriedade rural na vila Abobrinha, e se mantém através da agricultura de subsistência – Chico e sua família representam bem esse povo batalhador que a maioria da sociedade os estigmatizam. Entre seus amigos estão a galinha Giselda, o porco Torresmo, seu primo Zé Lelé, sua namorada Rosinha, a professora Dona Marocas e seus amigos Hiro e Zé da Roça. (Sousa, 2002)

Outro amigo de Chico é Zeca, seu primo que vive na cidade. Existem ainda Nhô Lau, dono da goiabeira mais bonita da roça e de quem o garoto rouba as frutas e o Padre Lino. A *Turma de Chico* vivencia o cotidiano rural: o trabalho com a terra, o cuidado com os animais, a valorização das lendas, costumes do campo as vestimentas e falas. (SOUSA, 2002)

Chico Bento aparece descalço em praticamente todas as narrativas, mesmo para trabalhar, ir à escola ou quando está frio. Entretanto, por vezes usa suas botinas para um encontro com Rosinha ou quando vai à cidade visitar seu primo Zeca. Está sempre de calças quadriculadas e chapéu de palha esgançado. Contrariamente aos costumes do interior, ficou filho único, assim como todas as outras crianças de sua turma.

Chico também pode ser comparado, em alguns aspectos, ao lendário personagem Jeca Tatu, um caipira verdadeiro descrito por Monteiro Lobato sempre de pés descalços e chapéu de palha, o que difere aquele personagem deste é que

Chico Bento é o personagem que resgata a importância do mundo caipira na formação da nacionalidade brasileira enquanto a ideologia que criou Jeca, era a de afastar o personagem das pessoas da cidade e que o Brasil “civilizado” rejeitasse o Brasil caipira (GIACON, 2012, p. 130-131).

Chico Bento representa os falantes das variedades estigmatizadas do português brasileiro, não que esses falantes não saibam falar, pois eles possuem uma variação linguística que, normalmente, é ridicularizada pela maior parte da sociedade letrada.

No item 2, trataremos sobre o falar rural nas *Histórias em Quadrinhos de Chico Bento*, de Maurício de Sousa e no núcleo rural da novela *O Cravo e a Rosa*, de Walcyr Carrasco.

6. A falar rural em *O Cravo e a Rosa* e nas *Histórias em Quadrinhos do Chico Bento* clássico

Alguns falares no Brasil são considerados uma forma incorreta,

pois não vem de encontro com as regras impostas pela gramática normativa, como é o caso do falar rural, uma linguagem que carrega consigo o preconceito por parte de falantes urbanos que a estigmatizam mas esquecem de que em sua oralidade as marcas desse dialeto "caipira" está, involuntariamente, presente.

Todo esse estigmatismo praticado por parte dos falantes urbanos letrados, que não são reconhecidas como válidas e muitas vezes sendo alvo de chacota está caindo no gosto popular. A TV Globo, emissora considerada a maior do Brasil, nos últimos tempos tem investido em dramaturgias que há o núcleo rural, não podemos pensar que a inserção desse núcleo seja somente para mesclar o humor à parte séria da trama, mas sim como uma quebra de paradigmas levando até a sociedade uma reflexão em relação à variação linguística que existe em nosso país.

Não só a dramaturgia utiliza desse dialeto para o público brasileiro, temos o desenhista Maurício de Sousa que criou o personagem Chico Bento que também encanta crianças e adultos. Pensando nessas duas realidades vamos fazer uma breve comparação entre dialeto, ambiente e personagens do núcleo rural da novela *O Cravo e a Rosa*, de Walcyr Carrasco, Petrushio e Catarina e os quadrinhos de Chico Bento na vila Abobrinha, de Maurício de Sousa, Chico Bento e Rosinha.

A comédia romântica *O Cravo e a Rosa* é inspirada no clássico *A Megera Domada*, de William Shakespeare na novela "*O Machão*" de Ivani Ribeiro e em *A Indomável*, novela de Ivani Ribeiro. A novela *O Cravo e a Rosa* se passa na cidade de São Paulo dos anos 20 e narra o tumultuado e conturbado romance entre o caipira "rude" e "ignorante" Petrushio, mas com um coração de ouro e a "fera" Catarina Batista, moça de difícil diálogo principalmente quando o assunto é casamento ou algo que a desaponte.

Catarina é uma mulher moderna, a frente de seu tempo para a época, pois acredita que o papel da mulher não é apenas lavar "ceroulas" – conforme se referiam às peças íntimas masculinas da época –, cuidar dos afazeres domésticos e sim participar ativamente da sociedade com igualdade. Filha do banqueiro Nicanor Batista e futuro candidato a prefeito da cidade, Catarina tem como apelido "a fera" por correr com todos os seus pretendentes e ainda falar o que realmente pensa a respeito dos acontecimentos que a circunda. Catarina é uma moça que faz parte do grupo de pessoas letradas, e mora na cidade, estudou nos melhores colégios e tem um gênio que tira a paciência de qualquer pessoa.

Já Julião Petruccio é dono da fazenda Santa Clara, a qual herdou do seu pai em péssimas condições financeiras e luta para mantê-la com suas atividades normais, todos que moram na fazenda trabalham muito para isso, porém as dívidas são maiores que os esforços disponibilizados. A única saída para salvar a fazenda é casar-se para conseguir o dote – uma antiga prática, herdada dos portugueses, uma espécie de pagamento pelo casamento da filha.

Na fazenda Santa Clara, além de Petruccio, vivem Calixto, antigo criado que às vezes é vítima dos ataques de fúria do patrão sendo chamado de "asno", Neca, outra criada antiga da fazenda e Lindinha sobrinha de Calixto, jovem e sem estudo. Todos possuem o dialeto caipira e representa a classe ridicularizada pelo grupo de letrados da cidade.

Na vila Abobrinha a realidade é outra. Chico Bento mora com seus pais e tem uma vida tranquila, gasta a maior parte do tempo nadando no rio, pescando, dormindo na rede e brincando com os seus amigos, não gosta de estudar e tem um carinho especial pelos animais, principalmente a galinha Giselda, o porco Torresmo e a vaca Malhada. A família dos Bentos não tem dívidas, vivem de maneira simples e se mantém através da agricultura de subsistência, Chico namora com Rosinha, filha do dono das terras vizinhas uma menina da roça bonita e decidida que também é apaixonada por ele. Os dois namoram desde criança e juram amor eterno.

Além da família de Chico Bento outras pessoas habitam a vila Abobrinha como o Zé da Roça, Hiro, Zé Lelé, Nhô Lau, Dona Marocas (a professora de Chico e seus amigos) e a namorada Rosinha, com exceção da professora D. Marocas, todos falam o dialeto caipira.

Chico Bento e Rosinha se apaixonam naturalmente sem conflitos e contratempos, já Petruccio e Catarina percorre um longo e tempestuoso caminho até assumir a paixão um pelo outro. No decorrer da trama podemos perceber a semelhança do ambiente rural e no dialeto do *Cravo e a Rosa*, núcleo rural, com a vila Abobrinha, os animais, a lida com o campo e o desejo de permanecer no ambiente do campo.

Petruccio, para salvar a fazenda decide conquistar Catarina para herdar o dote e quitar a dívida da propriedade, porém não será tão fácil, essa tarefa será árdua e contínua, exigirá muita persistência de Catarina Batista e muitos vasos quebrados por parte de Catarina (a moça quando ficava brava quebrava muitos vasos e pratos) diferentemente de Chico Bento e Rosinha que tudo transcorre na perfeita harmonia, a única ameaça

ça que Chico Bento pensa sofrer é quando Genesinho (menino rico que mora na vila Abobrinha) se aproxima de Rosinha, que não dá confiança e sempre retorna para os braços do amor de sua vida Chico Bento.

Tanto Chico Bento, Rosinha e Petruccio possuem o dialeto rural enquanto Catarina, moça da alta sociedade tem o dialeto dentro das normas gramaticais da língua portuguesa. Pessoas do campo normalmente sofrem com o preconceito em relação a sua fala, pois são frequentemente rotulados como caipiras, e não é diferente com nossos "caipiras" aqui relatados. No decorrer da novela, os personagens do núcleo rural são estigmatizados pelos personagens do núcleo da cidade, inclusive por Catarina que depois de muito relutar contra seus sentimentos em relação a Petruccio acaba cedendo aos encantos do capira.

Enquanto Julião Petruccio se casa com Catarina Batista, salva a fazenda das dívidas e os dois assumem o amor um pelo o outro, tem filhos gêmeos, Chico Bento e Rosinha crescem, saem da vila Abobrinha e vão cursar faculdade em cidades diferentes, ele em Nova Esperança e ela em Campos Verdes, se comunicam através de cartas e o amor, apesar da distância que estão, permanece.

7. Considerações finais

Na sociedade contemporânea, o dialeto rural ainda é discriminado e considerado como língua de pessoas sem instrução, que não sabem português e falam “tudo errado”. Esse preconceito é praticado por parte dos falantes urbanos letrados, sendo que o "caipira" na maioria das vezes é alvo de chacota e puro preconceito linguístico, porém temos observado que grandes autores e cartunistas tentam que esse estereótipo seja dissolvido pela população.

A Rede Globo de Televisão, emissora considerada a número 1 em telenovelas no Brasil, nas últimas décadas tem investido em dramaturgias em que há o núcleo rural, quebrando paradigmas levando até a sociedade como um todo uma reflexão em relação à variação linguística que existe em nosso país, como é o caso da Novela *O Cravo e a Rosa* em que um homem do campo casa-se com uma moderna jovem da cidade. Assim como o cartunista Maurício de Sousa que desde 1961 produz histórias de Chico Bento com humor e na maioria das vezes levando mensagem de cunho social para toda a população.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. São Paulo: Anhembi, 1955.
- BAGNO, Marcos. *Preconceito Linguístico: o que é, como se faz*. 55. ed. São Paulo: Loyola, 2013.
- CÂNDIDO, Antônio. *Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e as transformações de seus meios de vida*. São Paulo: Duas Cidades, 1998.
- CUNHA, Antonio Geraldo. *Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi*. 4. ed. São Paulo: Melhoramentos; Brasília: Universidade de Brasília, 1998.
- GIACON, Eliane Maria de Oliveira. *Os pés de Chico Bento*. In: GOMES, Nataniel dos Santos; RODRIGUES, Marlon Leal. *Para o Alto Avante*. Curitiba: Appris, 2012.
- MARTINS, José de Souza. O migrante brasileiro na São Paulo estrangeira. In: PORTA, Paula (Org.). *História da cidade de São Paulo*, vol. 3: A cidade na primeira metade do século XX – 1890-1954. São Paulo: Paz e Terra, 2004, p. 153-213.
- MEMÓRIA Globo. Disponível em:
<<http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/walcyrcarrasco/trajetoria.htm>>. Acesso em 13-09-2014.
- RECH, Pedro Eloi. *O povo brasileiro* 7. Disponível em:
<<http://www.blogdopedroeloi.com.br/2013/04/o-povo-brasileiro-7-o-brasil-caipira.html>>. Acesso em: 13-09-2014.
- RIBERO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e sentido Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.